

Economia - Brasil

Malan admite um acordo de transição com FMI

Lula diz que não há pré-acordo: 'Até 31 de dezembro, Fernando Henrique governa e arca com os ônus e os bônus'

Priscila Guilayn*, Toni Marques e
Mônica Tavares

• MADRI e GOIÂNIA. Em visita à capital da Espanha, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, admitiu ontem a possibilidade de um acordo de transição com o Fundo Monetário Internacional (FMI), envolvendo os principais candidatos à sucessão de Fernando Henrique. Em entrevista à emissora de rádio e TV britânica BBC, o ministro disse que vê mais pragmatismo e maturidade do que antes no debate em torno do futuro da economia brasileira e elogiou "a convergência dos partidos na campanha eleitoral".

O ministro vê com bons olhos "o abandono de certas idéias esdrúxulas e equivocadas, como o plebiscito sobre a dívida externa" (atividade a que o PT se dedicou no ano passado). Malan, participa hoje, ao meio-dia (7h de Brasília), do II Encontro Financeiro Internacional, no Casino de Madrid, promovido pela Caja Madrid e pela revista "The Economist".

— Os sinais estão vindo dos próprios partidos de oposição. Há uma certa maturidade e eles não estão mais naquela fase de satanização do FMI. E isso é bom para o Brasil — disse o ministro.

Malan chegou a Madrid num dia em que economicamente a

Espanha acordou com pé direito. Contrariando a tendência internacional, a Bolsa de Madri subiu ontem 0,8% e o novo escândalo financeiro que veio à tona nos Estados Unidos (as manipulações contábeis no laboratório Merck) também fez subir ligeiramente a moeda comum européia, o euro, em relação ao dólar.

Lula dribla perguntas sobre manter relação com o Fundo

A nota do FMI, da sexta-feira, segundo a qual o Fundo manteria sua colaboração com o Brasil enquanto o país adotasse políticas econômicas responsáveis, além de ter sido citada pelo ministro Malan, está sendo vista com bons olhos pelos investidores espanhóis. O agente Luis Benito, da Agência espanhola de Valores e Bolsa Iber-securities afirmou, depois da nota do FMI, que "o Brasil poderia estar mal, mas não tão mal quanto pensávamos".

O líder nas pesquisas eleitorais, no entanto, continua mostrando pouco interesse num acordo de transição com o FMI. Ao desembarcar ontem em Goiânia, Luís Inácio Lula da Silva disse que até 31 de dezembro de 2002 o responsável pelas políticas econômicas do Brasil é o presidente Fernando Henrique Cardoso.

— Até lá, que ele faça o que

bem entender, porque não há como a oposição dar palpite na política de Estado — disse o petista. — Não existe pré-acordo. Até 31 de dezembro, Fernando Henrique Cardoso governa. Ele tem que arcar com os ônus e bônus. Não existe possibilidade de a oposição, que não é convidada, assumir compromisso de assinar um acordo. Não acredito nessa hipótese. O governo tem responsabilidade e vai exercê-la — disse Lula.

Lula disse que pretende dobrar, em quatro anos de governo, os recursos destinados à ciência e tecnologia. Lula está em Goiânia para participar da reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Armínio com investidores e governo dos EUA

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, chega a Nova York hoje para encontrar banqueiros e investidores. Amanhã, reúne-se com representantes do Federal Reserve. Na quarta-feira, ele seguirá para Washington, onde tem um encontro agendado com o secretário do Tesouro, Paul O'Neill. Oficialmente, a viagem tem por objetivo reassegurar a confiança na economia brasileira. ■

(*) Especial para O GLOBO



MALAN EM Madri: "Fim da satanização do FMI é bom para o Brasil"